



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA-PORTUGUESA**

ÂNGELO ANDRÉ COUTO DE OLIVEIRA

A MULHER EM NOITES BRANCAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

**CAMPINA GRANDE
2021**

ÂNGELO ANDRÉ COUTO DE OLIVEIRA

A MULHER EM NOITES BRANCAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado ao Curso de Letras - Habilitação em língua portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Justino Barbosa.

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48m Oliveira, Angelo Andre Couto de.

A mulher em noites brancas de Fiódor Dostoiévski[manuscrito]
/ Angelo Andre Couto de Oliveira. - 2021.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Mulher. 2. Polifonia. 3. História. 4. Luta. I. Título

21. ed. CDD 305.4

NOME DO ALUNO
ÂNGELO ANDRÉ COUTO DE OLIVEIRA

A MULHER EM NOITES BRANCAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

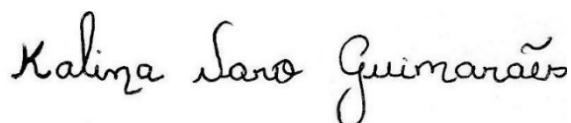
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado ao Curso de Letras - Habilitação em língua portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 16/09/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha esposa e meus filhos, aos
companheiros de curso Guilherme Ribeiro
Moés e Érika Cecília Teles de Andrade,
esta por seus choros quase inconsoláveis
durante algumas provações durante o
curso, às professoras Maria Ribeiro de
Sousa e Sandra Maria dos Santos Couto
por terem disponibilizado suas turmas para
a nossa regência em estágios
supervisionados, DEDICO.

“Quando o coração fala, não é conveniente que a razão faça objeções.”

Milan Kundera

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DIALOGISMO EM NOITES BRANCAS	08
3	NÁSTIENKA, A MULHER EM DIÁLOGO	13
3.1	Nástienka, uma legítima representante da mulher que sabe ocupar o seu espaço como protagonista da sua história	13
3.2	Nástienka, uma representante legítima da luta feminista	15
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	18

A MULHER EM NOITES BRANCAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Ângelo André Couto de Oliveira*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a figura da mulher em *Noites Brancas* do romancista russo Fiódor Dostoiévski. No decorrer desse trabalho vamos analisar como o enredo do referido texto é construído, quem são as personagens presentes na trama, como o personagem narrador se desenvolve no enredo da obra e como Nástienka, personagem feminina, se posiciona de forma independente em todo o texto. Ainda falaremos sobre dialogismo, questão presente nas obras dostoiévskianas. Posto isso, vamos analisar, como Nástienka, uma mulher, representa o papel feminino no roteiro engendrado por Dostoiévski. Para analisar essas questões, vamos utilizar alguns teóricos que falam das personagens criadas por Dostoiévski, dentre eles Bakhtin (2018) em *Problemas na Poética de Dostoiévski*, obra em que ele descreve a genialidade de Dostoiévski como o criador do romance polifônico. Onde, segundo Bakhtin (2018), Dostoiévski, apresenta suas personagens como figuras carregadas de ideias próprias e detentoras de ampla liberdade. Buscamos refletir como a vida de Nástienka serve de fulcro para as mulheres em sua luta por liberdade e direito de escolha na vida amorosa. No segundo momento, vamos analisar o *front* do feminismo no decorrer da história na luta por espaço, para isso, vamos usar como referencial teórico obras de de Lazreg (2020), Carvajal (2020) e Castro (2020) cujo conteúdo descreve como tem sido o enfrentamento da mulher ante os conceitos da ordem patriarcal vigente. O trabalho está dividido da seguinte forma, 1) dialogismo, em que descreveremos o significado desse termo na concepção de Bakhtin (2018), e como isso se caracteriza nas personagens da obra, 2) Nástienka, uma mulher em diálogo, momento em que mostraremos as ações dessa personagem que a torna protagonista de seus atos e 3) Nástienka como uma legítima representante da luta feminista.

Palavras-chave: Mulher. Polifonia. História. Luta.

ABSTRACT

This essay aims at presenting the woman figure in *White Nights*, written by the Russian novelist Fyodor Dostoevsky. In the course of this work, we will analyze how the aforesaid text plot is build up, who are its characters, how the narrator, as also a character, develops himself along the plot, and how Nástienka, a female character, positions herself independently throughout the text. We will still talk about dialogism, an issue present in Dostoyevsky's works. That said, let's analyze how Nastienka, a woman, plays the female role in the script conceived by Dostoevsky. In order to analyze these issues, we will use some theorists who speak about the characters created by Dostoevsky, among them Bakhtin (2018) with his *Problems in Dostoevsky's Poetics*, a work in which he describes Dostoevsky's genius as the creator of the polyphonic novel. In which, according to Bakhtin (2018), Dostoevsky presents his characters as figures carrying the burden of their own ideas and as full freedom

holders. We seek to reflect on how Nástienka's life serves as a supporting point for women in their struggle for freedom and right of choice in their love life. At the second moment, we will analyze the feminism front throughout history in its struggle for space. For this purpose, we will use as theoretical reference works by de Lazreg (2020), Carvajal (2020) and Castro (2020), whose content describes how it has been the conflict of women against the current patriarchal concepts' order. This work is divided as follows: 1) dialogism, in which we will describe the meaning of this term according to Bakhtin (2018), and how it is featured in the characters of the work; 2) Nástienka, a woman in dialogue, where we will highlight this character actions that makes her the protagonist of her actions; and 3) Nástienka as a legitimate representative of the feminist fight.

Keywords: Woman. Polyphony. History. Fight.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar o papel da mulher em *Noites Brancas* (2009) do romancista russo Fiódor Dostoiévski, obra publicada em 1848 pela primeira vez, pouco tempo antes de o autor perder sua liberdade e sofrer um exílio por participar de uma conspiração contra o Czar Nicolau I. Sabemos que a sociedade há muito tempo tem visto a figura da mulher como alguém sem direitos, sobretudo, no que tange às suas decisões primordiais relacionadas aos seus sentimentos e independência.

A obra é dividida em quatro capítulos representando quatro noites, ou seja, cada capítulo é voltado para uma noite. A personagem principal dessa importante obra é o personagem narrador, mas Nástienka, uma jovem mulher que se encontra por acaso com esse narrador, um jovem solitário e notívago que gostava de vagar pelas ruas de São Petersburgo, momento em que a cidade estava enfrentando um período de verão, onde o sol, nesse período do ano, não costumava se esconder por completo, é uma coadjuvante, mas age em busca do seu protagonismo. Essa situação deixava a cidade com uma aparência espectral, sendo justamente o ambiente engendrado por Dostoiévski para lucubrar sobre essa obra da sua lavra.

Nástienka, em *Noites Brancas* (2009), como veremos no decorrer desse trabalho, servirá de base para mostrarmos o quanto a mulher pode decidir por si, ter sua independência, sua autonomia, mesmo em uma sociedade marcada pelos ditames do masculino. Embora ela seja decidida e autônoma em suas decisões, mesmo assim, ela fará algumas concessões à ordem, mas não no sentido de apenas se submeter e assim ter a sua autonomia obnubilada, mas no sentido de subvertê-la com decisões que vão além do espectro decisório pertinente apenas aos homens.

Sabemos que a luta da mulher para ocupar os seus devidos espaços vem mostrando a cada momento uma disputa com resultados profícuos e profusos. Isso mostra como elas não tem se esvanecido ante as demandas de uma sociedade que insiste em querer rotulá-la como vaso frágil e que agem apenas com a emoção em detrimento da razão.

Para mostrar um aspecto diametralmente oposto, no sentido de que a mulher é detentora de direitos inalienáveis e completamente capaz de exercer o protagonismo da sua vida, nos embasaremos no primeiro momento em Bakhtin (2018) e (1993), cujo propósito é analisar os aspectos da polifonia, enfoque presente na personagem Nástienka, para fundamentar a questão da multiplicidade de vozes femininas que esta personagem reverbera. No segundo momento, vamos nos ater a figura impressionante de Nástienka frente ao personagem narrador, oportunidade que mostra o quanto ela tem total controle de suas ações. E no terceiro momento, nos valeremos de Lazreg (2020), Carvajal (2020) e Castro (2020) obras que apontam caminhos para o enfrentamento do sistema majoritariamente patriarcal cujos valores e princípios as mulheres devem ficar à margem, e ainda artigos e sites que versam sobre o tema com fins de mostrar a luta feminista no decorrer da história.

Por fim, apresentaremos à nossa conclusão mostrando o quanto *Noites Brancas* (2009) do romancista russo Fiódor Dostoiévski lança luz na luta da mulher para seguir os seus sentimentos mais fundamentais, dentre eles, o essencial: o amor.

Isso posto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Medeiros (2009), tem como objetivo levantar dados por meios de livros e revistas ligados ao assunto a fim de munir o autor da pesquisa com informações que possam trazer novidades sobre o assunto pesquisado. Diante disso, o presente trabalho visa contribuir para oferecer uma discursão acerca dessa interessante obra *Noites Brancas*

(2009) e como ela pode colaborar para difundir a luta feminina, algo de valor exponencialmente importante não apenas para as mulheres, mas sim, para toda sociedade que busca a justiça, uma justiça que reconhece o valor do outro não pelo sexo, mas pelo seu ser inerente em sua constituição humana. Nesse sentido, a composição de uma sociedade em que os valores devam ser respeitados só será de fato equânime quando todos entenderem o quão substancial é a figura da mulher.

2 DIALOGISMO EM NOITES BRANCAS

Dostoiévski em *Noites Brancas* (2009) explora de forma significativa a multiplicidade de vozes em seus personagens. É importante observar que as obras do grande autor russo são marcadas pela presença indelével da polifonia, e não apenas em *Noites Brancas*. Bakhtin, teórico, também russo, que trabalhou o problema da poética de Dostoiévski, define o que seria a presença da polifonia nas obras do escritor de *Noites Brancas*,

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade. (BAKHTIN, 2018, p.4-5)

Diante dessa concepção de polifonia dada por Bakhtin presente nas obras de Dostoiévski, precisamos entender o que isso tem a dizer acerca dos personagens criados por este literato russo. Bakhtin (2018) elucida de maneira inequívoca como Dostoiévski é um criador *sui generis* do romance polifônico. Segundo Bakhtin:

Dostoiévski é o criador do *romance polifônico*. Criou um gênero romanesco essencialmente novo. Por isso sua obra não cabe em nenhum limite, não se subordina a nenhum dos esquemas histórico-literários que costumamos aplicar às manifestações do romance europeu. (BAKHTIN, 2018, p.5).

Essas questões elucidadas por Bakhtin contribuem de forma significativa para que possamos entender como as obras de Dostoiévski apresentam as múltiplas vozes em seus romances, sobretudo em *Noites Brancas*. Dostoiévski atribui aos seus personagens a condição de autonomia em suas vozes. Nelas, um determinado herói assume a voz de outros heróis. Segundo Bakhtin (2018), a voz dos personagens dostoiévskianas "... possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis." (BAKHTIN, 2015, p.5). Isso mostra como as personagens nos romances de Dostoiévski fazem a relação com a multiplicidade de vozes. Dessa forma, vemos o quanto a polifonia está presente nos roteiros engendrados nas obras dostoiévskianas.

Dostoiévski concatena as suas obras visando à independência de seus personagens. Ele as cria com o objetivo de explorar seus modos peculiares de ver a vida e de se manifestar de forma emancipada. Segundo Bakhtin (2018), as personagens de Dostoiévski impressionam, para aquele:

A impressionante independência interior das personagens dostoiévskianas... Trata-se, antes de mais nada, da liberdade e independência que elas assumem na própria estrutura do romance em relação ao autor, ou melhor, em relação às definições comuns exteriorizantes e conclusivas do autor. Isso, obviamente, não significa que a personagem saia do plano do autor. Não, essa independência e liberdade integram justamente o plano do autor. (BAKHTIN, 2018, p.12).

Como exposto acima, observamos o quanto o romancista russo sabia posicionar suas personagens sem fazer com que elas se perdessem em um plano fora das suas convicções. Nástienka, nesse sentido, desponta como uma mulher que goza de liberdade e independência, mesmo vivendo presa ao vestido de sua avó. Ela não se conforma com essa situação, pelo contrário, consegue engendrar meios para burlar essa situação bastante inusitada. Em *Noites Brancas*, a polifonia presente na voz dos personagens é evidente. Há um momento na obra em que Nástienka se posiciona para falar acerca do seu infortúnio no amor, depois que se sente esquecida por um rapaz que se comprometera em se casar com ela. Ao se encontrar com outro rapaz, o que na obra é o personagem narrador, e este se mostra um pouco parcimonioso em suas palavras, Nástienka confessa que as mulheres gostam de homens tímidos.

Quanto ao fato de as mulheres gostarem de homens tímidos, vemos a intenção de Dostoiévski em expor as vozes que são representadas pela fala de Nástienka. É aí que vemos o recuo do jovem ao ser surpreendido pela atitude dessa jovem mulher, uma vez que ele estava lucubrando sobre o quanto estava nervoso diante daquele encontro tão significativo para conter a sua solidão. É nesse aspecto que vamos ver a diferença no estilo polifônico de Dostoiévski dos romances tidos como monológicos. Bakhtin (2018) diz que o que vai nortear a narração nas obras de Dostoiévski é a independência que ele oferece ao autor, ao narrador ou a algumas de suas personagens. Bakhtin procura explicar de forma elucidativa essa questão da seguinte maneira:

A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos em face desse mundo novo, desse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos, e não de um mundo de objetos. (BAKHTIN, 2018, p.6)

Na obra *Noites Brancas*, há uma questão que chama a atenção, e serve para pontuar a presença da polifonia, é o fato de Nástienka viver presa aos costumes de sua avó, uma anciã que mantinha tradições nada escorreita no que tange a liberdade da neta. Mesmo tendo convivido com esse tipo de tradição, a jovem Nástienka procura reverter esse cenário favoravelmente a ela, quando engendra meios de se livrar da sua avó. A atitude de Nástienka corrobora com as vozes da mulher que tem lutado há muito tempo contra um tipo de regra que foi sendo implantada no decorrer da história humana. Regra esta que diz que a mulher para ter valor social precisa ser casada e que esse casamento precisa cumprir os trâmites legais, sobretudo no aspecto religioso.

Diante disso, Bakhtin traz uma posição bastante lúcida quando procura explicar essa independência das personagens dostoiévskianas. Ele passa a mostra como os romances desse escritor russo é configurado. Bakhtin diz que:

[...] o romance de Dostoiévski é dialógico. Não se constrói como o todo de uma consciência que assumiu, em forma objetificada, outras consciências, mas como o todo da interação entre várias consciências, dentre as quais

nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra. (BAKHTIN, 2018, p.18-19).

Ou seja, mesmo tendo como escopo precípua o dialogismo, Dostoiévski não pretende com isso objetificar as vozes de outrem, pelo contrário, sua intenção é mostrar a imiscibilidade de cada um dos seus personagens fazendo com que eles reverberem a multiplicidade de vozes. Em *Noites Brancas*, o personagem narrador é alguém solitário, se sentindo abandonado por todo mundo. Segundo Bakhtin (2019) todo texto pressupõe o reflexo de duas consciências, dois sujeitos que têm claramente sua essência manifestada. Quando o personagem narrador em *Noites Brancas* diz:

Na verdade, moro numa parte distante da cidade. Eu seguia e cantava, porque quando estou feliz cantarolo sem falta algo para mim mesmo, como qualquer pessoa feliz que não tem nem amigos, nem bons conhecidos, e que num momento alegre não tem com quem dividir sua alegria. Súbito aconteceu comigo o incidente mais inesperado. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.17)

A condição não qual esse personagem se encontra é refletida de forma assídua na vida do ser humano. Quando ele não consegue socializar com as pessoas, geralmente ele é relegado ao ostracismo. Essa condição do herói em *Noites Brancas* é peculiar não só no papel do personagem narrador, mas também na personagem de Nástienka. Ela desempenha um papel polifônico extremamente significativo. Por exemplo quando ele diz “Não se zangue, estou rindo porque o senhor é seu próprio inimigo [...] É claro que tomaria o senhor como um louco. Julguei por mim mesma. Sei muito bem que tipo de gente vive neste mundo!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.21). Nesse excerto da obra vemos a perspicácia e acuidade de Nástienka em saber julgar as situações amorosas com base em sua experiência de abandono.

Dessa forma, percebemos o quanto as palavras dessa mulher revelam situações inatas às relações humanas. Quando Nástienka diz que “[...] o senhor é seu próprio inimigo” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.21), ela expõe um problema inerente ao ser humano. Isso é algo tão comum no que tange a existência, que o filósofo inglês Thomas Hobbes no século XVII criou a expressão “o homem é o lobo do homem” (SUPER, 2019). E por que Hobbes usava essa expressão? Justamente para dizer que o homem era um ser egoísta, e por isso visava sua autopreservação, ou seja, os seus interesses devem receber importância primária, mesmo em detrimento ao próximo. Embora esse narrador seja um ser altruísta frente às demandas com Nástienka, ele não deixa de refletir o quanto o homem é um ser egoísta, de forma geral.

Quando entrevemos a atitude do personagem narrador, constatamos o quanto ele reverbera de forma ineludível aspectos inerentes ao comportamento dos seres humanos. Ele tenta usar de subterfúgios para poder se aproximar de Nástienka, mas ela, de forma arguta, tergiversa sobre a atitude do rapaz, e assim mostra indiferença aos seus anseios desconhecidos.

Ainda na questão do personagem narrador, ele procura definir o que seja um sonhador. Ele começa sua definição de sonhador dizendo que esse ser por definição é como um caracol, pois consegue ser casa e animal a um só tempo. Esse indivíduo, é na verdade um ser de gênero neutro, ou seja, não é possível descobrir o que ele de fato anseia em sua vida. Dostoiévski consegue transferir para esse personagem aquilo que faz parte da condição do homem com suas perenes incertezas, na verdade, dúvidas quanto à dinâmica da vida sempre foi uma questão complexa.

Já dizia Shakespeare em *Hamlet*:

Ser ou não ser, eis a questão! Que é mais nobre para a alma: sofrer os dardos e setas de um destino cruel ou pegar em armas contra um mar de calamidades para pôr-lhes fim, resistindo? Morrer... dormir; nada mais! E com o sono, dizem, terminamos o pesar do coração e os inúmeros naturais conflitos que constituem a herança de carne! Que fim poderia ser mais devotamente desejado? Morrer... Dormir!... Talvez sonhar! Sim, eis a dificuldade! Porque é forçoso que nos detenhamos a considerar que sonhos possam sobrevir, durante o sono da morte, quando nos tenhamos libertados do torvelinho da vida. (SHAKESPEARE, 2008, p.56).

Assim posto, podemos ver o quanto a multiplicidade de vozes são frequentes na lavra de Dostoiévski. São vozes que se entrecruzam sem causar confusão de ideia ou até mesmo, como já expôs antes Bakhtin (2018), a objetificação das consciências nos heróis dostoiievskianos. Ao examinarmos os devaneios da personagem *Hamlet* shakespeareana e compararmos aos da personagem dostoiievskiana, percebemos de forma rutilante o quanto a polifonia em seus personagens são bem demarcadas.

Quando o personagem narrador se propõe a falar alguns pormenores de sua vida, tenta de alguma maneira impressionar Nástienka com palavras rebuscadas, pelo que ela retruca para ele dizendo “Escute, o senhor fala maravilhosamente, mas será que não pode falar de uma maneira menos maravilhosa? O senhor fala exatamente como se lesse um livro.” (DOSTOÉVSKI, 2009, p.320). Nástienka não se deixa levar por palavras que ela sabe que não lhe interessam, por isso pede para que o jovem procure impressionar por outros meios, já que ela sabe perfeitamente que tipo de pessoa existe no mundo.

O personagem narrador descreve o quanto a paixão tem o poder de obnubilar a alma quando se ilude acreditando que esse sentimento pode ser apalpado. Esse jovem manifesta em sua vida amorosa, embora seja apenas um amor onírico, visto que ele se reconhece como alguém que o destino o privou de amizades e de amores autênticos.

Ao voltarmos a nossa atenção para o estudo da poética de Dostoiévski feito por Bakhtin, vamos ver a genialidade desse escritor russo em dar aos seus personagens papéis de coexistência e de simultaneidade. Assim diz Bakhtin sobre as relações ideológicas nas personagens dostoiievskianas:

A possibilidade de coexistência simultânea, a possibilidade de contiguidade ou oposição é para Dostoiévski uma espécie de critério para separar o essencial do secundário. [...] Do mesmo modo, aquilo que tem sentido apenas como “antes” ou “depois”, que satisfaz ao seu momento, que se justifica apenas como passado ou como futuro, ou como presente em relação ao passado e ao futuro e secundário para ele e não lhe integra o mundo. [...] Do seu passado recordam apenas aquilo que para elas continua sendo presente e é vivido como presente: o pecado não redimido, o crime e a ofensa não perdoados. [...] Por isso nos seus romances não há casualidade, não há gênese, não há explicações do passado, das influências do meio, da educação, etc. Cada atitude da personagem está inteiramente no presente e nesse sentido não é predeterminada; o autor a concebe e representa como livre. (BAKHTIN, 2018, p.33).

Portanto, é nítida a forma *sui generis* como Dostoiévski faz com que os seus personagens exerçam a contiguidade entre o presente, o passado e futuro, de tal forma que eles se imbricam sem qualquer interferência dos meios sociais convenientemente estabelecidos, como por exemplo, a educação. Ao compararmos essa definição dada por Bakhtin com o papel de Nástienka, mulher arguta, inteligente e que sabe discernir os interesses do homem, já que ela havia recebido uma educação

tradicional da sua avó, que embora reverbere uma educação marcadamente patriarcal, serviu para que ela soubesse perceber o quanto de interesse existe no homem para tentar se aproximar de sua pessoa com fins escusos. Veremos que levando em consideração o contexto de escrita de *Noites Brancas*, obra escrita em um contexto de extrema perseguição, prisão e morte, em que as mulheres não eram vistas como alguém em igualdade com os homens, ver esse tipo de papel é algo realmente significativo.

Por isso, Bakhtin (2018) definiu essa quebra de paradigmas na poética de Dostoiévski de forma bastante percuciente, explicando a forma como esse literato russo criava suas personagens, dando vida e voz, sem levar em consideração as regras que ditavam a vida em sociedade de sua época.

Quanto à questão do amor onírico, o personagem narrador em seus frequentes encontros com Nástienka revela o quanto ele estava inebriado pela companhia dela. Isso, para ele, era algo indubitavelmente relevante, tanto é que ele chega a confessar que só o fato de ter estado duas noites com ela, já era suficiente para ele sair da vida de sonhos e viver uma realidade com a simples presença de Nástienka em sua companhia. Para expressar esse sentimento tão forte e significativo, o jovem diz “Oh, bendita seja a senhorita, minha querida, por não ter me rejeitado logo na primeira vez, porque *agora* posso dizer que vivi ao menos duas noites em minha vida!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.42, grifo nosso). Esse jovem é alguém que busca um sentido para sua desprovida existência. Quando a vida não oferece muitas oportunidades, é o que vemos na personagem em destaque, qualquer situação pode se transformar em momentos de deleite.

Dostoiévski sabe como concatenar essa questão da representação através de seus personagens. É assim com o narrador personagem e com Nástienka. Ambos são personagens que reverberam significativamente a polifonia. Ele como um sonhador, apaixonado por um ideal, mas ao mesmo tempo vivendo os infortúnios de uma vida sem esperança, e ela, por ser uma mulher que busca viver sua vida de um jeito completamente livre das amarras sociais que visam tolher a atuação da mulher. Se por um lado temos no personagem narrador um homem solitário, acostumado com encontros românticos efêmeros e sem qualquer vínculo afetivo, por outro lado temos Nástienka, uma mulher decidida, embora depois faça algumas concessões, pois ao decidir ir embora com o seu amor, ela sucumbe ao ditame social de que a mulher para ser mulher necessita de um homem em sua vida.

Por fim, devemos atentar mais uma vez para o que Bakhtin (2018) expõe sobre a polifonia presente nas personagens em Dostoiévski. Em *Problema na Poética de Dostoiévski*, Bakhtin elucida como em Dostoiévski está presente à voz de todas as experiências humanas racionais. Segundo Bakhtin, para Dostoiévski, (BAKHTIN, 2018, p.47) “onde começa a consciência começa o diálogo.” Isso mostra como a mulher, na figura de Nástienka, é vista como alguém completa em todas as áreas, e não um ser-objeto. Em *Noites Brancas* (2009), Nástienka não é colocada apenas como um ser objeto.

Assim como em *Noites Brancas* (2009) a imagem da jovem é construída como um ser autônomo, completo em sua condição social, também vemos a imiscibilidade no conceito bíblico, na lavra do apóstolo Paulo quando ele diz que “No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem, nem o homem independente da mulher.” (BÍBLIA, I Coríntios, 11,11). Aqui vemos um pensamento milenar colocando a mulher em seu devido lugar, que é sua igualdade com o homem. Nesse sentido, Nástienka é colocada, na concepção dostoiévskiana, como essa mulher que não assume qualquer posição subalternar. Posto assim, percebemos o quanto a ideia no

romance polifônico de Dostoiévski se posiciona de maneira plenivalente, segundo Bakhtin (2018), ou seja, vemos em Nástienka uma heroína cujo dialogismo é profundamente sério, não marcado pela simulação ou por aquilo que é literariamente voltado para o convencional. Nástienka, como vemos, é uma mulher cheia de sonhos, mas que não se deixa levar por aquilo que pode ser obnubilado pelas regras morais de uma sociedade que a todo custo prima pela valorização do homem em detrimento da mulher. Nástienka, segundo Dostoiévski, não é essa caricatura de mulher, pelo contrário, ela é uma heroína que sabe ocupar o seu espaço sem nada a temer.

Quando analisamos as personagens criadas por Dostoiévski em *Noites Brancas* (2009) nos aproximamos do entendimento do porquê ele foi um escritor extremamente arguto na criação do romance polifônico, ele buscou nessa obra aspectos do romantismo, visto que o próprio narrador é descrito como um “sonhador” um “tipo” e como uma pessoa cujo gênero é constituído como sendo neutro. Esse narrador fecha a obra declarando sua felicidade pelos encontros fortuitos que teve com Nástienka, mulher agora casada, mas que não o esquecera. De posse de uma carta enviada por ela, ele externa o seu sentimento mais profundo. Assim o narrador personagem descreve os seus devaneios:

[...] Oh, nunca, nunca! Que seja claro o seu céu, que seja luminoso e sereno o seu lindo sorriso; abençoada seja você pelo momento de júbilo e felicidade que concedeu a um coração solitário e agradecido!
Meu Deus! Um momento inteiro de júbilo! Não será isto o bastante para uma vida inteira?... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 82).

Dessa forma, quando prescrutamos a função polifônica desses personagens dostoiévskianos, vislumbramos as muitas vozes sendo representadas por cada um desses personagens, quer sejam homens ou mulheres, ambos são contemplados por esse genial escritor russo.

3 NÁSTIENKA, A MULHER EM DIÁLOGO

A personagem Nástienka em *Noites Brancas* (2009) tem papel precípua na obra. Dostoiévski faz dessa personagem uma das figuras que mais se destaca, tanto é que ela é a única que é conhecida pelo nome, diferentemente dos demais personagens que compõem a obra em análise. Em Nástienka, nós temos a representação universal da voz feminina em um mundo marcadamente marcada pela presença masculina.

3.1 Nástienka, uma representante da mulher que sabe ocupar o seu espaço como protagonista da sua história

Quando vemos a luta das mulheres no palco do mundo para poder ocupar posição de igualdade nos espaços subjugados e dominados majoritariamente pelo homem, podemos observar como a questão patriarcal assume sempre o protagonismo. Para acentuar de forma clara como isso se configura na prática, Castro (2020) arremata:

Na concepção colonial e moderna só há um tipo de mulher. A mulher é essencialmente definida como subordinada ao homem porque mais emocional do que racional e mais próxima da natureza, mais humana, pois reproduz com o homem a próxima geração de homens e mulheres. (CASTRO, 2020, p.173).

Ao lermos a definição do feminino na visão patriarcal, é perceptível o quanto falta à mulher o seu lugar de existência e acontecimentos. Quando pensamos no papel da mulher na vida em sociedade, e olhamos para a história percebemos o quanto ela sofreu terrivelmente para galgar o seu espaço de direito em um mundo marcado pela imposição do homem sobre todas as coisas da vida. É inimaginável pensar na mulher e sua importância na sociedade à luz dos fatos e não concluirmos o quanto ela sofreu em áreas extremamente significativas. Na obra de Dostoiévski *Noites Brancas* (2009), o célebre autor russo põe a mulher em um lugar de destaque. Por exemplo, Nástienka não é uma mulher sujeita a tudo o que o mundo à sua volta impõe.

Essa personagem embora tenha que consentir com algumas situações contraditórias, no sentido de que ela sabe o que quer. Ela decidirá pela pessoa que o seu coração está interessado, e luta para se impor em suas decisões e defender sua autonomia, faz algumas concessões para não ficar à margem da sociedade. Isso não implica em contradição, deixando parecer que ela é autônoma, mas ao mesmo tempo sujeita à ordem. Não, ela se sujeita a um determinado sistema apenas para poder exercer a sua liberdade, já que para consolidar essa autonomia, ela precisa se sujeitar, mesmo que de forma diferente do que a sociedade impõe, ou seja, ela não consente em se unir ao seu primeiro amor simplesmente por medo das opiniões alheias sobre a necessidade de se manter uma vida conjugal, mas sim, porque ela escolheu livremente viver com aquele amado.

As obras dostoiévskianas têm como característica reverberar ideias ecléticas, sobretudo no que tange a vida das suas personagens. Isso é bem evidente em Nástienka, uma mulher que em todo momento assume o seu protagonismo feminino em meio ao mundo em que as mulheres não são vistas com todo o seu valor para a sociedade. Diante disso, percebemos o quanto Dostoiévski dá a essa mulher total responsabilidade sobre suas decisões. Bakhtin (1993) falando sobre a autonomia que marcam a nossa existência, em que cada pensamento, cada ato, fazem da vida um complexo que constituem o nosso ser, serve de esteio para definir o papel de Nástienka em *Noites Brancas* (2009).

Analisando a vida da personagem Nástienka, personagem marcante em *Noites Branca* (2009), vemos uma mulher que vive em um mundo cujos valores estão sempre favorecendo a figura masculina, quando para a mulher, o que se espera no máximo, é o que Castro expôs acima. Embora Nástienka esteja próximo dessa questão abordada por Castro, ela não é apenas alguém que esteja apenas nesse plano raso de sujeição. O motivo pelo qual ela não pode ser colocada nesse plano é exposto pela própria personagem, que mesmo tendo que viver debaixo de uma tradição fortíssima da sua avó, ela engendra meios para fugir dessa prisão enviesada na tradição.

Quando estamos diante dessa personagem dostoiévskiana, sobretudo por ser uma personagem feminina, figura que tem sofrida no decorrer da história humana, já que sempre foi colocada como um ser de valor secundário, fica patente o quanto ela desempenha um papel precípua no enredo. Isso nos remete ao que Bakhtin (1993), expôs sobre o ato executado. Nástienka realiza ações que são significativas para o seu personagem, e não só isso, mas também para servir de esteio para a voz feminina, não apenas na sua época e no seu tempo, mas em todos os tempos.

Sobre essa questão do ato como significativo para a vida, Bakhtin (1993), expõe:

O ato realmente executado – não sob o aspecto de seu conteúdo, mas de seu próprio desempenho – de algum modo conhece, de algum modo possui o ser da vida unitário e único; ele se orienta dentro desse ser, e faz isso do

mais, em sua integridade – tanto no aspecto do conteúdo, quanto da sua real e única fatualidade. (BAKHTIN, 1993, p. 45-46).

O aspecto da fatualidade, como bem exposta acima, serve de base para a personagem Nástienka em *Noites Brancas* (2009). A forma que essa personagem é apresentada por Dostoiévski mostra o quanto a mulher, em Nástienka, recebe a importância que toda mulher deve assumir em qualquer espaço.

Dentre as personagens femininas que recebem destaque em *Noites Brancas* (2009), Nástienka é a que de longe mais representa o papel da mulher decidida. Se por um lado Nástienka é a representação da mulher empoderada, decidida, uma mulher que sabe e decide o que quer, por outro há a figura da sua avó, anciã que adota métodos nada escorregios para afastar sua neta das investidas de homens que, para ela, só querem se aproveitar da fragilidade feminina.

Em um determinado momento aparece um novo inquilino para alugar um local da propriedade da sua avó para morar, e a primeira coisa que sua avó pergunta à Nástienka é “E então, Nástienka, nosso inquilino é jovem ou não? (Dostoiévski, 2009, p.46). Ela pergunta isso, porque se preocupa com a vida de Nástienka. Em seguida, a avó pergunta se o rapaz era de “aparência agradável”. Quando ela afirma que sim, a anciã responde “Ah! Um castigo, um castigo! Eu lhe digo isto, minha neta: não fique olhando para ele. Que século, este! Ora essa, um inquilino tão pobre, mas de aparência agradável; antigamente não era assim!” (Dostoiévski, 2009, p.47). Aqui temos o que mais representa uma situação antiquada e totalmente inaceitável no que tange a questão da mulher.

A avó de Nástienka é a representação de um aspecto feminino que ao invés de lutar contra as barreiras impostas pela ordem estabelecida, se serve dela para confirmá-la. Bakhtin (1993) formulando acerca da questão das regras sociais morais e sua validade para o sujeito em que este deve receber destaque precípuo nessa questão, diz:

Não existem normas morais que sejam determinadas e válidas em si como normas morais, mas existe um sujeito moral com uma determinada estrutura (não uma estrutura psicológica ou física, é claro), e é nele que nós temos de nos apoiar: ele saberá o que está marcado pelo dever moral e quando, ou, para ser exato: pelo dever como tal (porque não há dever especificamente moral) (BAKHTIN, 1993, p. 24).

Para sua avó existia uma regra estabelecida há anos que deveria servir de espeque para Nástienka tomar cuidado quanto ao que o homem de fato representa para as mulheres. Se para a velha avó de Nástienka a beleza seria um problema sério, para Nástienka, isso não importava nem era motivo de qualquer preocupação, já que ela já havia decidido como burlar essas regras para poder vivenciar o que de melhor o amor pode oferecer.

3.2 Nástienka, uma representante legítima da luta feminista

Nástienka pode ser vista como uma representante do movimento feminista do século XIX. Ela é uma personagem feminina que não se deixava ser conduzida meramente pelo ardem do sistema. Quando ela decide romper com todas as demandas arcaicas de sua velha avó, ela está rompendo com o sistema. Ela é aquela que confabula com um desconhecido, nesse caso, com o personagem narrador,

jovem que a encontra sozinha na noite solitária de São Petersburgo, e mesmo assim, não hesita em manter contato com esse desconhecido.

Quanto ao papel dela no enredo de *Noites Brancas* (2009), é importante observarmos o quanto ela o tempo todo confabula com o narrador personagem acerca do seu interesse em estar com ele, mesmo sabendo que o seu antigo amor pode aparecer a qualquer momento. Em um determinado ponto, o narrador diz “– A senhorita está nervosa – disse eu –, está com medo; acha que ele não virá.” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.59). A partir desse diálogo, Nástienka vai tentar mostrar para ele que o que ele está pensando não descreve o real estado da situação. Para descrever o seu pensamento, ela responde:

– Ao diabo com o senhor! – respondeu ela. – Se eu estivesse menos feliz, talvez começasse a chorar por causa de sua descrença, de seus reproches. No entanto, o senhor me levou a uma ideia e me deu o que pensar por muito tempo; mas pensarei nisso depois, agora confesso-lhe que o senhor diz a verdade. Sim! Quase não sou mais eu; estou como que inteira na expectativa e sinto quase tudo com extrema facilidade. Mas chega; deixemos de lado os sentimentos... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.59).

No excerto acima, Nástienka tenta demover o personagem narrador de seu medo de perdê-la para o antigo amor, e procura convencê-lo de que o sentimento pelo qual ela tanto guardara no coração não era questão precípua naquele momento. Nesse espaço ela usa de extrema argúcia para esconder o que de fato está em seu coração: a amor por outra pessoa e que para viver com esse amor, vai se entregar mais adiante.

Quando Nástienka se encontra com o seu antigo amor, mesmo depois de afirmar com toda exatidão que não nutria nenhum interesse por ele ao personagem narrador, ela não consegue resistir, e se lança por inteiro aos braços daquele que ela elegera como o seu amor verdadeiro, mesmo tendo se comprometido com outro, o personagem narrador. Assim ele descreve como foi o encontro de ambos:

Deus, que grito! Como ela tremeu! Como escapou das minhas mãos e voou ao encontro dele!... Fiquei parado, olhando para eles como morto. Mas ela, mal lhe deu a mão, mal lançou-se em seus braços e de repente virou-se novamente para mim, apareceu ao meu lado, como vento, como um relâmpago, e antes que eu recobrasse a consciência, envolveu meu pescoço com ambos os braços e me beijou calorosa e intensamente. Depois, sem me dizer UMA PALAVRA, lançou-se novamente a ele, tomou pelo braço e o levou consigo. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.p. 77-79, ênfase acrescentada).

Vemos aqui o quanto essa personagem feminina pode ser uma representante ideal da luta das mulheres diante das demandas que urgem em nosso convívio como sociedade saudável em que todos devem viver sem o viés da desigualdade tão maçante e presente há muito tempo. O que nos leva a refletir sobre a questão da luta feminista desde tempos remotos

Nástienka nos chama a atenção para a questão do feminismo e sua luta perene e incontestável, e para podermos entender como todos devem ser tratados com igualdade e reciprocidade. Para que isso seja realizado de forma prática, devemos de maneira precípua voltar nossos olhos para o que seja igualdade. Marques (2019) falando sobre a questão do termo igualdade e como ele é significativo para o avanço das democracias, diz: “igualdade é uma das palavras incorporadas ao vocabulário político do Ocidente no século XVIII. Desde então, é parte do fundamento das democracias” (MARQUES, 2019, p.8). Portanto, sem esse princípio não há como

vislumbrar a luta das mulheres nas sociedades de ontem e de hoje como algo que deva ser tido com menoscabo.

Diante dessa questão, é preciso que adentremos a questão da luta feminina tendo como fulcro a definição apresentada por Carvajal (2020). Ela explica de forma límpida o que é o feminismo. Segundo ela; “Parece-nos importante partir de nossa definição de feminismo: feminismo é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa da história, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime.” (CARVAJAL, 2020, p.226). As mulheres, nesse sentido, têm lutado bravamente para que sua voz e o seu espaço não sejam onibulados pela ordem vigente.

Como também observou de forma extremamente corroborativa com os aspectos feminino exposto por Carvajal (2020), Lazreg (2020), também expõe o que as mulheres, sobretudo aquelas que vivem em países subdesenvolvidos, devem representar. Para ela: “As mulheres do Terceiro Mundo são individualmente feitas para aparecer no palco do feminismo como representantes das milhões de mulheres de suas próprias sociedades.” (Lazreg, 2020, p.207). Ou seja, toda e qualquer mulher deve buscar exercer o seu protagonismo em um mundo que as vê como um ser inferior, um ser meramente sentimental e distante das demandas mais importantes da vida.

Toda sociedade exige essa questão importante, a relação entre o masculino e o feminino. Na verdade, não existiria um sem a participação do outro. Carvajal (2020) explicando como em sociedade essas relações devem ser participes, já que não deveria haver um aspecto de hierarquização de poder, diz:

A comunidade está constituída por mulheres e homens como duas metades imprescindíveis, complementares, não hierárquicas, recíprocas e autônomas uma da outra, o que necessariamente não significa uma heterossexualidade obrigatória, porque não estamos falando de casal, mas sim de par de representação política, não estamos falando de família, mas sim de comunidade. (CARVAJAL, 2020, p. 232).

O que Carvajal (2020) quer dizer, é que uma comunidade não é formada apenas de casais, mas sim, das relações sociais em todas as etapas da vida que devem ser marcadas pela “imiscibilidade”, termo cunhado por Bakhtin (2018), em que cada um tem os seus aspectos biológicos inatos, mas no que tange o viver como indivíduos, como seres humanos, o viver em sociedade, esse princípio de hierarquia deve ser profligado veementemente, abrindo espaço para a complementariedade e para a reciprocidade.

Com o intuito de apresentar uma proposta clássica para que a mulher possa ocupar o seu espaço como pessoa humana portadora de direitos e igualdade, Carvajal (2020) expõe a seguinte proposta:

Ao dizer que a comunidade está composta pelas mulheres e pelos homens, visibilizando as mulheres invisibilizadas pela hegemonia dos homens, propomos em nossas relações humanas o reconhecimento da alteridade, esta entendida com a existência real da outra e não uma alteridade ficcional. Esse reconhecimento não é nominal, o reconhecimento da outra existência tem suas conseqüências e uma delas, por exemplo, é a redistribuição dos benefícios do trabalho e da produção em partes iguais. (CARVAJAL, 2020 p. 235).

Na verdade, a luta das mulheres para ocupar o seu espaço tem sido ingente, mas de certa forma compensadora. Embora muitos embates nessa questão

da igualdade têm sido apenas “ficcional” como Carvajal (2020) expôs acima, elas vêm lutando bravamente para não perder o seu papel de protagonista na vida em sociedade.

Diante disso, podemos depreender o quão significativo tem sido a luta das mulheres para não deixar de apoderar-se daquilo que lhe pertence desde a criação do mundo, papel de autora de sua própria história. Se queremos uma sociedade em que os valores sejam reconhecidos tanto para homens como para mulheres, é imprescindível buscarmos o reconhecimento da alteridade explicado por Carvajal (2020) acima. Sem isso, estaremos apenas corroborando para uma situação cada vez mais complexa e sem a menor importância para aquelas que vêm lutando impavidamente para conquistar, quando na verdade isso não deveria ser uma conquista, mas sim, um direito inato, o seu lugar de proeminência na vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de pesquisa bibliográfica em que pudemos recorrer a textos nos quais a luta da mulher por espaço tem o seu lugar precípuo, vemos o quanto essa é uma questão relevante para o debate atual.

Como pudemos ver na questão apresentada pela figura de Nástienka em *Noites Brancas* (2009) de Fiódor Dostoiévski, uma mulher que lutou de forma arguta para poder alcançar os seus objetivos capitais, sem se deixar levar pelos ditames de um sistema extremamente opressor e dominado pela figura masculina, lastro que tem sua marca até nas atitudes de sua velha avó, senhora que tentava de forma nada escorreita manter Nástienka presa à ordem vigente no cenário social.

Portanto, o presente trabalho tem como fulcro contribuir com a luta da mulher na busca de seus espaços que lhe pertencem por direito. Não podemos aceitar uma vida em comunidade em que a mulher não passe de objeto, e quando muito, uma espécie apenas para fins de procriação.

Essa é uma luta sempre ingente, mas com resultados profícuos no decorrer da história. Nada deve obstar esse processo que custou a luta incansável de mulheres que sempre estiveram no *front* de batalha para não assumir apenas uma função subalterna frente às demandas do masculino.

Como visto no decorrer desse trabalho, desde a personagem Nástienka dostoiévskiana até as lutas mais contemporâneas, pudemos observar o quanto a mulher deve ser parte essencial em todas as relações comunitárias, não com o papel de submissão apenas, mas sim, de alteridade, alguém que deve ser vista com direitos e deveres como qualquer ser humano.

Por último, o múnus recai sobre toda a sociedade, que composta de homens e mulheres, deve se imbuir nesse processo de alteridade, o que se apresenta como uma alternativa *sine qua non* a sociedade se esvai na sua essência existencial. Devemos, portanto, estar sempre atentos a essa demanda, para que não haja uma contrafação nesse processo, em que isso fique apenas no campo do ficcional, ou então como mote para embates que em nada possa acrescentar ao valor e a luta da mulher. É imprescindível que a sociedade hodierna saiba reconhecer o quão salutar é a figura da mulher em nosso mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2018.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Trad. da ed. Americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

BÍBLIA, Português: nova versão internacional. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ed. Vida, 2000.

CARVAJAL, Julieta Paredes. **Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental**. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2020.

CASTRO, Susana de. **Condescendência: estratégia pater-colonial de poder**. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites Brancas**. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HOBBS, Tomas. **O Homem é o lobo do homem**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ideias/o-homem-e-o-lobo-do-homem-thomas-hobbes>. Acessado em: 30 de jul. 2021.

KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

LAZREG, Marnia. **Decolonizando o feminismo: mulheres argelinas em questão**. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2020.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O Voto Feminino no Brasil**. 2ªed. Brasília: Edições Câmaras, 2019.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. 11ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.